

ABYA YALA POETRY SLAM: A COPA SLAM DAS AMÉRICAS ENTREVISTA COM COMIKK MG (MÉXICO)¹



GABRIELE CAVALCANTEⁱ (entrevista e tradução espanhol-português)

Do Circuito nacional de slam do México, passando pelo Slam de Línguas Originárias, chegamos com Commik MG a copa das Américas de Slam, a Abya Yala. O poeta

¹ Entrevista realizada por Gabriele Cavalcante no âmbito da iniciativa “Poetry Slam em tempos de coronavírus” sob edição de Miriane Peregrino no Jornal Literatura Comunica 2021. Foi realizada em espanhol, de modo remoto, entre México (entrevistado) e França (entrevistadora).

mexicano Comikk MG já atuava nas periferias da capital mexicana, local esse de onde é oriundo, organizando eventos de Hip-Hop nos anos de 2006 e 2007 antes de estudar e organizar eventos do poetry slam. Depois de 10 anos tendo eventos somente na capital, Comikk MG junto com Carlos Ascensión Ramírez Méndez, conhecido como Karlos Atl, organizaram o primeiro Nacional Poetry Slam do México. E é co-fundador com a brasileira Roberta Estrela D'Alva do Abya Yala Poetry Slam, o campeonato de poesia falada das Américas.

GABRIELE CAVALCANTE (GC): Comikk como começa sua relação com a poesia slam? Como o slam se desenvolve no México e como surge a ideia do Abya Yala?

COMIKK MG - Minha história com a poesia começa com o rap. Cresci em um bairro marginalizado da periferia na cidade de México, e a minha primeira relação com a arte foi na rua e depois também pelos livros. Gostava muito, e nos anos de 2006 e 2007 comecei a organizar eventos de hip-hop e logo depois a organizar eventos que relacionam-se com a poesia e aí conheci o Slam de Poesia e me dediquei a estudar o Slam por um ano e participei até 2012. O Slam no México chegou em 2005 e centralizou-se na capital por mais de 10 anos. Lá pelos anos de 2015 e 2016, junto com meu amigo Karlos Atl, criei o primeiro Slam Nacional em México e o **Circuito Nacional** que pretendia descentralizar as atividades do Slam de Poesias para haver mais ligas e comunidades de poesia por todo o país. E criamos também o primeiro Slam em línguas originárias. Juntaram-se a nós alguns rappers que faziam raps em línguas originárias e tudo isso passou a dar voz e visibilidade a população originária que, aqui em México, por parte do Estado sempre existiu uma grande inviabilização dos povos originários e de suas línguas. São 68 Línguas e suas 365 variantes dialectais, e de toda essa diversidade são apenas algumas que persistem e lutam por continuarem a existir e não desaparecer. Muitas dessas línguas estão em perigo de desaparecer. Mas apesar de tudo, e afortunadamente, muita gente, com ajuda da poesia, está resgatando, preservando e fazendo com que fluam e se reproduzam e, dessa maneira, que [sejam] ensinadas na atualidade. Mas com tudo isso, só tivemos contato com duas mulheres que

estão dedicadas a poesia e a gestão cultural em línguas originárias e que estão criando toda a conexão.

Agora em México já temos diversas ligas, como por exemplos as ligas dissidentes do Slam Queer, que são obviamente antirracistas e feministas e que estão tomando uma grande proporção, lutando por estas causas. E existem ligas mais radicais de feministas separatistas, que reivindicam um espaço composto somente por mulheres e que, dessa forma, consigam o seu próprio espaço para compartilhar e, claro, que é muito bom que também existam. Temos também o Ciências Slam, que é um Slam muito curioso, porque falam de textos científicos poéticos, que é bem louco, mas é lindo! [Então] temos essa diversidade grandiosa de Poetry Slam no México.

No começo tivemos também uma bolsa institucional e depois de muita reflexão e entender qual é o nosso caminho, agora somos autônomos. Depois de 4 anos e trabalhamos com auto gestão, somos independentes de qualquer meio do Estado e trabalhamos com o apoio da comunidade. Nosso objetivo é conseguir descentralizar finalmente o Poetry Slam, que já não acontecera na capital do México em 2021, depois de 20 anos de existência e queremos assim cada ano realizar o Poetry Slam em diferentes regiões do México.

E foi assim, através de muitas pesquisas e reflexões que fiz por todo México e também de outras partes do mundo, que decidir criar o **Abya Yala Poetry Slam** com a Roberta Estrela D'Alva, que é brasileira. Isso acontece de nossa vontade de fazermos um Slam de toda América, ou como sabemos do continente que foi nomeado como América. Pois para nós é importante radicalizarmos o afeto e também a memória ancestral do nosso território e por isso decidimos nomear de Abya Yala e estamos nutridos de muitas comunidades e de uma forma mais aprofundada de comunidades de América Latina e Caribe. México, Guatemala, Costa Rica, Paraguai, República Dominicana, Cuba, Brasil, Argentina. Claro que faltam muitos outros, mas queremos aprofundar o que se passa conosco e nossa latitude, em nosso território e assim identificar nossos problemas em comum. Nossos problemas sociais, econômicos e políticos e, entre nós, vamos dialogando e aconselhando-nos. Realizamos nosso primeiro fórum virtual com as pessoas que coordenam o Slam Nacionais ou Slam únicos em nossos países. E chegamos ao acordo de nomear o Slam como um exercício social, um pensamento

crítico que não acontece somente na poesia em âmbito acadêmico ou setorizado por temas elitistas. E queremos dar voz às pessoas que não são ouvidas.

Tivemos encontro e formamos parte do **Word Poetry Slam Organizations**, que é uma organização de Slam Mundial que passou a existir em 2019. Antes existia um grande Slam em Paris, onde existe racismo, machismo e muitos maus tratos por parte de quem organiza.

GC: Como é a relação do Poetry Slam de México com os outros países de América Latina e especialmente Brasil?

COMIKK MG: É especificamente com Roberta Estrela D'Alva, com as pessoas do Brasil. Estive em 2014 na FLUP [Festa Literária das Periferias], a primeira FLUP que organizaram o **Rio Poetry Slam**, e foi maravilhoso. Já conhecia a Roberta e muitas outras pessoas que estavam presentes, e sai realmente maravilhado com esse evento que também é um pouco do que realizamos em México com os festivais e os eventos acontecendo nas periferias, favelas e comunidades marginalizadas. Em México existem muitos [festivais] e que antes não tinha ninguém para trabalhar, me refiro a trabalhar com a poesia. É incrível, o que nós do Slam fazemos. Estivemos em muitas regiões mexicanas, em regiões onde nem sequer chegavam a poesia, em lugares onde ninguém quer ir. E são esses lugares onde trabalhamos. Então, o Slam Nacional, o Circuito Nacional de México é dessa maneira irmão e irmã da FLUP. Porque também seguimos muitos dos seus passos e tudo que acontece lá. E vem daí nossa conexão, nossa bonita conexão para criar o Abya Yala.

Bem, para o Abya Yala, foi eu quem propôs o nome e o evento em todos os Slams do continente que pude encontrar. Depois em todos os grupos de whatsapps. Alguns diziam “não chamaremos de Slam de Américas ou de Slam de Latina América”. Em México, nós falamos muito sobre o processo de colonização. Em realidade esse nome de Abya Yala não é um nome relacionado a México e sim de toda uma terra de antes da invasão. De como é a comunidade indígena que reivindica o nome, porque este nome, era o nosso território antes da invasão, nada relacionado com esse processo de colonização, e tudo isso é uma responsabilidade enorme. Porque nossas comunidades vêm de muitos lugares. E quando falamos Abya Yala, estamos falando de uma memória ancestral.

Dessa maneira o Slam não é como na Europa, que se trata de competência, de competir, mas sim de denunciar, de compartilhar e de todas as formas que podemos expressar o que pensamos, o que sentimos. E é super interessante. Podemos também relacionar como fazemos Slam, o Slam veio dos Estados Unidos e nós nos apropriamos.

GC: E como é a imersão de vocês , do Abya Yala nos eventos internacionais?

COMIKK MG: No contexto internacional seguimos lutando muito. Desde os discursos e narrativas que existem em América Latina e nesse caso, estamos enfrentando em encontros virtuais, chamadas de vídeo e vídeos conferências para criar esta organização intercontinental [Word Poetry Slam Organizations]. Estamos encontrando muita gente que não gosta da nossa narrativa, que o nosso inimigo comum é o supremacismo branco cis hetero patriarcal. Tivemos grandes debates e, sobretudo, com as pessoas de Europa, as pessoas brancas que não conseguem entender que o inimigo comum não são as pessoas brancas e sim o sistema que é composto sempre pelo supremacismo branco. E estamos dialogando muito para que entendam que se trata de outra realidade, que também existem outras realidades no mundo, em América Latina, em África. Em Africa ocorrerem problemas diferentes, porque existem problemas [que afetam] a comunidade LGBTQI+, e isto ocorre porque em muitas partes de África isso é ilegal, e tudo isso faz com que o nosso trabalho, o trabalho das comunidades de Slam sejam bem perigosos- E também o caso de Cuba onde existe um controle dos poemas para os eventos, lá o poemas passam por uma revisão do Estado antes de irem aos festivais. E por tudo isso, é exatamente aí de onde vem nossa vontade de criar uma nova organização mundial. E também por tudo que ocorreu na [Copa de Slam da] França, os maus tratos, as queixas e as denúncias. Por isso a necessidade de criar uma nova organização. E o Slam do mundo, sim vai ser feito, não somente por uma pessoa ou organização, mas sim por várias organizações e com várias sedes em diferentes partes do mundo. O **Word Poetry Slam Festival** vai começar na Bélgica, depois África do Sul e, em seguida, Brasil. Em 2021, o Abya Yala, o primeiro Slam da América aconteceu no Brasil, na FLUP. Depois será em México e assim vamos tentar fazer por todas as partes de Abya Yala. Seguimos e seguiremos trabalhando muito com oficinas, conferências por toda parte.

GC: E como se dá a relação com a população originária e os eventos de poesia? Como acontece? Os eventos são realizados em territórios ancestrais? Qual a relação com a poesia, visto que para escrever é preciso já ter passado ou passar pelo processo de escolarização e sabemos que isso acontece não na sua língua e sim em outra, no caso do México, com o idioma espanhol.

COMIKK MG: Bom, são muitas questões. No México quando falamos de poesia, existiu por muito tempo um campo de poesia elitista nos quais somente pessoas com estudos podiam escrever poemas e serem famosos ou condecorados. E no Slam de poesia, o que fazemos é descentralizar essa poesia, essa poesia pomposa e de elite. Essa poesia tradicional. E o Slam dá voz sobretudo a juventude, aos jovens, as pessoas que pensavam que não podiam dizer ou fazer poesia, escrever o que queriam e, graças a isso, muitas outras pessoas começaram a perceber que podiam participar. Simplesmente expressar-se em um lugar que eram acolhidos, abraçados, que tinham esse espaço. O Slam começou em lugares fechados, mas agora já fazemos em lugares públicos e abertos. E a descentralização precisamente chega por meio dessas pessoas que vinham de muitos lugares para a cidade, a capital, e se deram conta que podiam em suas comunidades criar Slam de poesias, que podiam levar a mais estados, que poderiam recriá-los sem a necessidade de criar estúdios ou papéis [...]. Dar-se conta que a poesia não se encaixa somente no tradicional ou nos lugares elitizados e [é] sim para todos. Fazemos tudo de forma autogestiva e autônoma. E nossa poesia é uma poesia de vivência e não uma poesia acadêmica de alguém que fala do que é bonito. Nossa poesia não é presa, ela é livre de mentalidades eurocêntricas ou norte americanas, ela fala da nossa realidade. E daí que vem nossa identificação, porque é aí que nos sentimos identificados com a poesia. E não somente da palavra falada, escrita, da leitura ou da literatura. Em México não lemos muito. São muitas poucas pessoas [aqui] que se educam lendo. Em México nos educamos lendo pelas orelhas.

GC: Como acontece essa relação com a poesia no Slam das Línguas Nacionais com as comunidades Originárias?

COMIKK MG: Sim, de uma forma geral, os projetos literários de pessoas que trabalham com a poesia periférica, são poucos e na realidade não tem muita gente

preocupada para publicar ou fazer estudos. A dificuldade se dá pela forma como entendemos. Nesses espaços a relação passa pela oralidade. Conseguimos fazer exibição de vídeos e para mim é melhor fazer assim, tudo oral. No meu caso, estou escrevendo um livro que se chama “Palavras intactas”, que fala do Poetry Slam no México. A intenção é que esse livro chegue a muitos lugares e inclusive nas universidades que nem fazem ideia do que se passa no Slam. Por isso é um livro, porque senão seriam *poemas orales*.

GC: Você contou que já se apresentou no Brasil e sua relação com os poetas daqui, a FLUP, e como é sua relação com o movimento de slam na Europa? Você já se apresentou em algum país europeu?

COMIKK MG: Na realidade tudo é muito cordial. Eu tive a oportunidade de estar em Barcelona no Festival Cosmopoles que é um festival internacional e que convida muitos poetas e autores de todo o mundo. Foi algo raro, mas bom.

GC: Poderia falar mais um pouco sobre as populações originárias. Como acontece a identificação, ou seja, a marca racializada dessas populações no México?

COMIKK MG: Muito complicado. O México é um país muito racista e temos um grande problema com isso, porque as pessoas não aceitam que México seja assim [indígena]. O racismo aqui é encarado como algo civilizatório, essa ideia de levar civilidade por parte das pessoas brancas, que na verdade são as pessoas mais racistas e que ignoram muitas coisas que se passa em nosso território, [são] práticas racistas. Mas [elas] não chamam de racismo e sim de civilizatório [...]. Mas afortunadamente existe muita gente de comunidades indígenas que estão muito orgulhosas de ser-los e representam com suas roupas, com sua língua e com sua pele e andam por México. Agora nosso atual presidente reconheceu as comunidades indígenas como patrimônio nacional. Algo inédito, pois é também a primeira vez que o Estado reconhece às comunidades afro-mexicanas. As comunidades indígenas aqui em México estão agora tomando um cenário importante em níveis culturais, artísticos. Especialmente em festivais, [ocupando] lugares de trabalho como poetas, gestores e pintores. E apesar

disso tudo, ainda existem pessoas que tem vergonha de sua origem indígena e não querem ser identificadas como, seja não falando a língua e não usando também as roupas tradicionais de suas etnias. É muito complexo de entender, mas segue existindo muita gente orgulhosa e muita gente que não. Mas o movimento indígena avança e hoje, por exemplos, existem muitos grupos de rappers indígenas que fazem poesia e rap em línguas nacionais. E muitos desses grupos recebem apoio do Estado, da secretaria de cultura que hoje começa a reconhecer essas manifestações culturais e artísticas. Há também os indígenas estão tomando postos de trabalho importantes e políticos como na Câmara de Deputados. Hoje em muitos lugares essas populações indígenas e racializadas conseguem chegar. E isso também faz parte de normalizar o que é ser indígena e em especial indígena nativo, ou seja, que vem diretamente de lugares ancestrais de onde nasceram seus avós e pais, e não mestiços. Porque também os termos de mestiçagens, pelo menos em nossas diferentes posições, não nos identifica, porque fazem parte da colônia. É uma mistura de raças e com isso temos identidades diferentes em diversos espaços, ou seja, tomamos uma identidade multicolor. Existem muitos poemas maravilhosos sobre isso, o poema de Fatima Moumouni, de Alemanha, que diz por exemplo, “Tenho a cor perfeita, não sou tão branca como o leite e nem tão branca como a vaca” e etc. Ou seja, isso é um problema que vem de longe, o problema da mestiçagem, que foi um processo imposto pelo ocidente e nas formas de vidas que tivemos que aprender a subsistir e agora temos que desaprender e reaprender para poder mudar a mentalidade, por exemplo, de onde trabalhamos. Eu, por exemplo, em meu trabalho como gestor nacional, estou falando diretamente com jovens de todo o México e é muito importante fazer com que eles reconheçam que mesmo que as escolas ensinem a colonização como algo civilizatório temos outras narrativas, como a chegada das religiões, a cor da pele, a mestiçagem etc, e que eles possam conhecer também essas outras narrativas e esse processo de apagamento de nossa história e cultura pré-hispânica, que não se relacionam em nada com os seus deuses. São deuses diferentes e práticas diferentes. Que os espanhóis não traziam a civilização, pois já tínhamos a nossa própria civilização construída com astrônomos, com uma gastronomia própria, com medicina, com matemáticas. Tudo isso já existia em nosso território. E quando acontece essa invasão, tudo é modificado e agora somente temos vestígios dessa nossa antiga civilização, de nossos ancestrais, de como eles faziam e organizavam a vida. A

realidade é que em México são poucas as pessoas que conhecem realmente esse processo.

GC: E como pensa que Abya Yala vai chegar em México? Quais são as dificuldades para organizar o evento e como o processo de criação dele vai fortalecer as identidades no continente? Por último, queria que nos falasse um pouco sobre os impactos do Covid-19 na organização e nos eventos de poesia em México.

COMIKK MG: E muito louco, nunca vamos poder comparar os encontros virtuais com os encontros presenciais, nunca! Ativamos todas as ligas de Slam virtualmente, estamos realizando bate-papos, conferências, oficinas, workshops, estamos fazendo Slam. Slam virtual. Tudo está sendo realizado da forma possível nesse momento de pandemia. Mas de uma forma, isso foi positivo, pois alcançamos muito mais pessoas em México e no mundo porque estão em nossos eventos virtuais. Mas também tem o problema do acesso à internet, porque temos uma grande parte do nosso público que não tem acesso à internet, não tem computador, não tem celular e tablet. Mas é a forma que podemos trabalhar nesse momento. De uma maneira geral tem o lado positivo de alcançar pessoas em uma escala que nunca tínhamos conseguido antes. De uma forma nacional e internacional também. E o difícil é alcançar as comunidades que mais nos interessa, que são as comunidades segregadas. Muito complicado, mas avançamos e temos planos de ir aos lugares que não pudemos estar, durante esse período, que são exatamente esses lugares marginalizados. Queremos ouvir deles, como passaram essa pandemia, suas leituras e escritas desse período nos interessam.

ⁱ **Gabriele Cavalcante** é potiguar, nascida em Sapé, na Paraíba. Mãe, professora e mestra em literatura pela Universidade Paris Nanterre. Vive na França desde 2017, depois de já ter vivido mais de 10 anos no Rio de Janeiro. Estudou Letras-Espanhol pela UERJ e Biblioteconomia e Gestão de Informação pela UNIRIO e UFRJ. **E-mail:** gabriele_cavalcante@yahoo.com.br